

## CINÉTRACTS / 1968

*realização colectiva*

**Realização:** Colectiva / **Produção:** Auto-produção / Slon / **Cópia:** DCP (originalmente em 16mm), preto e branco, versão francesa, legendada eletronicamente em português / Apenas um dos Ciné-tracts (nº 006) é sonoro, sendo os restantes integralmente mudos / **Exibição dos Cinétracts:** 001-016, 020, 021, 024, 027, 029, 031, 040, 062, 067, 068, 100-110, 121) / **Designação alternativa:** “Ciné-tracts” / “Film-tracts” (tal como consta em alguns genéricos) / **Duração total da projecção:** 110 minutos / **Primeira exibição na Cinemateca:** 28 e 29 de Maio de 2018, Ciclo “24 Imagens – Cinema e Fotografia | Vestígios do Real”.

---

Exibimos nesta sessão um conjunto de **Cinétracts**, filmes militantes contemporâneos dos protestos estudantis nas ruas em França, do Maio de 1968, assentes sobretudo em fotografias desses mesmos protestos e num texto escrito que as acompanha, sob a forma de intertítulos ou de inscrições nas imagens. Realizados maioritariamente em Maio e Junho a partir de documentos fotográficos da actualidade francesa, alguns desses **Cinétracts** convocam ainda imagens da actualidade internacional associada aos reflexos do Maio de 68 nos movimentos de emancipação pelo mundo fora, como as lutas pelos direitos dos negros nos EUA ou os movimentos pela independência no Vietname.

Na sua origem, os **Cinétracts** (também conhecidos como **Ciné-tracts** ou **Film-tracts**) resultaram de uma iniciativa de Chris Marker, lançada pelos États généraux du cinéma, constituídos no mês de maio de 68 e inspirados pelos exemplos soviéticos, pela Frontier Films, de Paul Strand e Leo Hurwitz, ou por Santiago Alvarez, como poderemos perceber por esta sessão. Produzidos no quadro da SLON – Société pour le lancement des oeuvres nouvelles (criada em 1967 por Marker e pela produtora Inger Servolin), que garantia o apoio logístico e a tiragem de cópias, os **Cinétracts** também conhecidos como **Film-tracts** eram considerados filmes amadores invariavelmente não assinados, mas entre os seus autores encontramos o próprio Marker, ou Jean-Luc Godard, Jackie Raynal, Jean-Pierre Gorin, Jacques Loiseleux, e Philippe Garrel.

Como poderemos ver ao longo desta sessão, os vários **Cinétracts** caracterizam-se por uma grande unidade formal: são na sua maior parte mudos (a única excepção é o **Cinétract 006**, que é sonoro), têm uma duração média de três minutos, são filmados a preto e branco, e consistem maioritariamente numa montagem de imagens fixas, sobretudo fotografias, mas em que também se encontram desenhos, cartões com texto, cartazes, documentos, artigos de jornal, inscrições que se sobrepõem ou conjugam com as imagens, colagens.

Tal unidade formal deriva antes de mais do repto lançado para a sua realização, uma vez que o texto original da SLON que apelava à produção de **Cinétracts** – “Cinetractez!” – definia em pormenor não apenas a forma, mas também a finalidade dos pequenos filmes: “O que é um Cinetract? São 2’44’ (uma bobine de 16mm de 30 m. a 24 imagens/segundo) de filme mudo com tema político, social ou outro, destinado a suscitar a discussão e a acção. (...)”. Entre muitos outros detalhes, especificava-se ainda que deveriam ser filmes preferencialmente baseados na “técnica da filmagem de fotografias e de documentos fixos”, com um cartão de início com um número atribuído pela SLON, com um texto reduzido ao essencial e dispensando a montagem.

Por outro lado, como escreveu Godard sobre esta “ideia de Chris Marker” na publicação *Tribune socialiste*, a 23 de Janeiro de 1969: “Era uma forma simples e pouco cara de fazer cinema político, para uma secção de uma empresa ou um comité de acção, porque cada bobine custa cinquenta francos, tudo incluído. E acima de tudo, o interesse é menos a difusão do que a fabricação. Tem um interesse local trabalhar em conjunto e discutir. Tal faz progredir. E depois a difusão pode fazer-se nos apartamentos, nas reuniões. Podemos trocá-los com outros filmes dos comités de acção vizinhos. Isso possibilita repensar a um nível muito simples e muito concreto o cinema. (...) Os filmes devem ser feitos por grupos em torno de uma ideia política. Porque da mesma forma que os cursos de liceu são rescritos com alunos, acho que é necessário fazer filmes com quem os vê.” Jean-Luc Godard, que nesta altura entrava na “fase mais militante” da sua obra (**La Chinoise** é de 1967 e **Un Film Comme Les Autres**, o primeiro filme assinado pelo colectivo Dziga Vertov, embora ainda filmado por Godard a solo é de 1968), é, na realidade, um dos autores de alguns dos mais interessantes **Cinétracts** (embora não identificados, serão dele os n.ºs 7-10, 12-16, 23 e 40) e lança aqui algumas questões essenciais no que respeita aos mesmos, salientando a sua dimensão de arma política, assim como a importância da produção colectiva transversal às pessoas que fazem e vêem cinema associada a uma dimensão simples e barata de fazer filmes politicamente.

Maioritariamente constituídos por imagens fotográficas – algumas da imprensa e de fotógrafos conhecidos da agência Magnum, outras tiradas por estudantes e manifestantes, muitas delas que regressam nos vários filmes, e que são montadas e detalhadas de diferentes modos, enriquecendo a sua leitura –, se parte dos **Ciné-tracts** se centram nas greves e grandes manifestações em Paris, nas barricadas, nas fábricas ocupadas e nos episódios de violência policial, outros centram-se em episódios mais específicos, como o **Cinétract 003**, organizado em torno da morte de um estudante de liceu em confrontos com a polícia e nas posteriores manifestações.

Mas, não obstante a relevância de um trabalho eminentemente fotográfico, as palavras, e concretamente as palavras de ordem do Maio de 68, têm um papel extremamente importante na sua relação com as imagens. Entre um poema escrito por um estudante em torno do qual se estrutura o “**Cinétract 002**” e a inscrição numa parede que aparece nesse **Cinétract** e reaparecerá em vários outros – “Plutôt la VIE” – é todo um continente que se desenha.

Joana Ascensão